

**Resumo:** A partir da categoria sociológica e relacional de “abreviação”, na experiência de emudecimento de crianças, mulheres e pessoas empobrecidas, a autora percorre a “abreviação” reflexiva, o “abreviou-se” da cristologia da Palavra na tradição patrística medieval, retomada na “*Verbum Domini*” como fio vermelho de experiência espiritual e metodologia para hermenêuticas bíblicas populares e contextuais.

**Abstract:** Beginning with a sociological category and relating it with “abbreviation”, in the experience of silence among children, women and poor people, the author follows the track of “reflexive abbreviation” by examining the Word which Christology had abbreviated in Patristic and Medieval theology and was taken up in the document “*Verbum Domini*” as a red thread symbolizing both spiritual experience and methodology pervading biblical hermeneutics in popular contexts.

## “HO LÓGOS PACHÝNETAI”: o Verbo abreviou-se<sup>1</sup> Hermenêuticas bíblicas populares e contextuais à luz da *Verbum Domini*

Maria Soave\*

\* A autora é Missionária leiga “fidei donum”, italiana, educadora e biblista popular, coordenadora da dimensão de estudo de gênero e de hermenêuticas feministas do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Maria Soave tem muitos artigos em revistas bíblico-teológicas, como RIBLA, Estudos Bíblicos e Mandrágoras e livros de leitura popular da Bíblia pelas editoras CEBI, Paulus e Nhanduti.

<sup>1</sup> «*Ho Logos pachynetai* (ou *brachynetai*)». Cf. ORÍGENES, *Peri Archon*, I, 2, 8: SC 252, 127-129.



## 1 A respeito de abreviações e emudecimentos

Estou vivendo um tempo especial, de Graça e de dor, tempo único na minha experiência missionária e de biblista popular. Pela primeira vez, depois de quase vinte anos de trabalhos pastorais ligados a uma instituição eclesial, minha alma que está toda no texto do corpo, me proporciona um tempo que escolhi viver na espiritualidade do caminhar no silêncio dos espaços oficiais. Escolhi, então de ter a cada dia um longo tempo para caminhar nas periferias da cidade onde moro para encontrar pessoas, com calma, permanecendo, no silêncio da escuta amorosa dos corpos “abreviados” pelos poderosos da história.

Abreviados. Assim são os corpos das crianças, das mulheres e das pessoas empobrecidas, dos “caboclos”, mão de obra sem direitos trabalhistas e camponeses neste Planalto Serrano das terras catarinenses, do Karu, nesta Abya-Ayala, Pindorama fecunda e violada. Abreviados são os corpos nestas terras do Cruzeiro do Sul, ao sul, debaixo, assim explicitado nas geografias convencionais e eurocêntricas, de todos os poderes que se constroem violentos, arrogantes, “desde cima” nos nortes econômicos, relacionais, políticos e religiosos deste mundo.

Abreviados. Encurtados. Minimizados. Rebaixados. Abafados. Silenciados. Emudecidos.

Assim são os corpos, todos tecidos vivos, textos escritos com os outros códigos literários, os códigos do suor e do sangue derramado, códigos que precisam de “outras” semânticas e semióticas, códigos onde a alma está toda na pele desenhada pelas muitas cicatrizes e rugas. Corpos abreviados neste Sul do mundo. Assim são os muitos, demasiados, corpos, pessoais, de gênero, de classe, de etnias e comunitários: abreviados.

Percebo, nas errâncias da Vida, que existem corpos pessoais e sociais que são abreviados. Se existem corpos abreviados é porque, na relação, existem corpos de “abreviadores”, isto é, pessoas e situações que encurtam, minimizam, rebaixam, abafam, silenciam, emudecem.

Partilhar hermenêuticas bíblicas populares e - porque populares- contextuais, significa escutar a partir destes corpos, pessoais e sociais, que vivenciam a experiência de serem “abreviados”. Estas me parecem ser as novas e sempre antigas hermenêuticas populares. Partilhar hermenêuticas bíblicas populares e contextuais significa ter estes corpos como ponto de partida e de chegada hermenêutico. Os corpos



abreviados, como ponto de partida e de chegada das hermenêuticas bíblicas populares e contextuais, não como um círculo eternamente fechado em si mesmo, mas como uma espiral que aprofunda cada vez mais a experiência de vital espiritualidade, a experiência da imitação de Jesus, o Cristo.

Cada vez mais se apresenta a urgência de exercitarmos “hermenêuticas contextuais”. Estas hermenêuticas têm a ver com “*as memórias escondidas, para que os grandes silêncios possam ter as próprias palavras*”<sup>2</sup>.

A leitura popular e orante da Bíblia quer exatamente fazer isso, para compreender o mistério na História que é Jesus, o Cristo, a partir dos sujeitos desta História e não só dos contextos. Esses sujeitos são emudecidos e minimizados não só pelos “outros”. Esses sujeitos são minimizados também pelas nossas hermenêuticas e teologias fundamentalistas, quando nos arrogamos o direitos de sermos “voz de quem não tem voz” sem permitir que quem não possui voz possa ter a sua própria voz e dizer algo que, quem sabe, nós e nossas instituições, sejam elas políticas, sociais, econômicas ou religiosas, não gostariam de ouvir.

Percebo, sobretudo neste tempo de silêncio, que em uma economia da escuta e da recuperação da Palavra revelada e espalhada na História dos povos, hermenêuticas contextuais tomam forma do fiel comunicar das pessoas com Deus (...). Esta comunicação que, como aprendemos com os povos caboclos destas terras ameríndias, terras do Karu, da árvore do pinheiro araucária, a árvore da Terra do Povo Livre, esta comunicação das pessoas das comunidades, com Deus (...) passa pela humilde escuta da voz da Terra, das suas incessantes dores de parto, mas também pela sua inesgotável esperança de Vida. Esta Terra é o chão onde pisam os pés de quem se arrisca com coragem, e sem medo de enfrentar conflitos, nas hermenêuticas contextuais, pois sabemos, pela espiritualidade cotidiana revelada aos pobres e pequenos, que, onde nossos pés pisam, nossa cabeça pensa e nosso coração ama. Terra que para cada pessoa e grupo tem um nome diferente, Terra que é *esta* e não pode ser outra. “*Terra que se faz terras diferentes, terras irmanadas pelo mesmo desejo de serem espaço de vida para as crianças, as mulheres, as pessoas empobrecidas, os migrantes e exilados, terras que almejam para a oikoumene. Terras*

<sup>2</sup> BALDUCCI, E. *La terra del tramonto. Saggio sulla transizione*, ECP, 1992, pp. 88-91.



*que se fazem contextos de cidades e de periferias, de Norte e Sul no universo dos povos. Terras habitadas pelos muitos corpos de mulheres e homens que, desde o por do sol até o amanhecer procuram o Rosto que ilumina a própria imagem e a própria semelhança”*<sup>3</sup>. As hermenêuticas contextuais nascem nestas terras, nestes corpos que se fazem contextos, isto é, outra forma de dizer textos.<sup>4</sup>

A respeito dos muitos corpos, das muitas línguas, dos muitos modos da experiência de Deus na vida das pessoas e dos povos, dos muitos textos vivos que tocam e se deixam tocar pelo texto vivo, o Logos encarnado que é a Palavra, nos edificam como Igreja os Padres Sinodais através da voz magisterial do Santo Padre. Um Magistério, o do Texto das Escrituras, que se faz Ministério no encontro do Texto da Vida dos Povos.

*“Podemos assim constatar, com alegria e gratidão, que «na Igreja há um Pentecostes também hoje, ou seja, que ela fala em muitas línguas; e isto não só no sentido externo de estarem nela representadas todas as grandes línguas do mundo mas também, e mais profundamente, no sentido de que nela estão presentes os variados modos da experiência de Deus e do mundo, a riqueza das culturas, e só assim se manifesta a vastidão da existência humana e, a partir dela, a vastidão da Palavra de Deus”*.<sup>5</sup>

## 2 A espiritualidade em tempos crepusculares e suas abreviações

Na vastidão da existência humana, muitos povos vivem, em nível social e religioso, experiências complexas e nem sempre objetivas, claras e distintas. Quero nomear estes tempos e estas experiências como “crepusculares” (para usar com gratidão e saudade uma palavra dos últimos dias entre nós de nosso companheiro e testemunha do seguimento de Jesus no meio das pessoas empobrecidas, o padre José Comblin). Tempos crepusculares na ética, que perde cada vez

<sup>3</sup> POTENTE Antonietta. *Raccogliere i frammenti. Dalla teologia missionaria alla teologia contestuale, Strumenti di pace*, 3. ed. Anterem, 1995, pg. 45.

<sup>4</sup> RICHTER Reimer Ivoni; BUSCEMI Maria Soave, “Respiros...Entre transpiração e conspiração”, RIBLA 50: *Hermenêuticas bíblicas latino americanas e caribenhas* (2005:1) pg.109-113 Vozes)

<sup>5</sup> BENTO XVI, *Exortação Apostólica pós Sinodal Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 4.



mais espaço para um tipo de “estética oca”. Dias de ausência de presença e de profecia no meio das pessoas empobrecidas. Tempos crepusculares, onde o dia não é mais dia e a noite se aproxima com um tabuleiro imenso de cores no céu. Tempo que nos “vocaciona” para o desafio da complexidade, da construção da vida que está toda nas relações recriadas em um grande mutirão não mais alicerçado na arrogância e na violência, uma “sistêmica relacional” que nos faz seres necessitados de tudo e de todos. Neste tempo crepuscular que anuncia o tempo espiritual da “noite escura da alma” em minha, quem sabe nossa, experiência eclesial, retoma-se a importância de hermenêuticas populares e contextuais. Neste tempo de crepúsculo, que separa a tarde da experiência da morte (entre meio dia e as três, na Tradição de nossas Igrejas), tempo do sol a pino, sem sombra de dúvidas...e o alvorecer da madrugada da Ressurreição, tempo bem parecido ao crepúsculo, quando as cores não são claras e distintas no céu e nem na alma...tudo se mistura...esse é o tempo propício da “multidão”, dos impuros, das mulheres, dos pobres e dos pequenos. No arco-íris da complexidade que toma lugar e sentido onde antes se encontrava o “complicado”, o que só os sabidos e inteligentes podiam explicar com a arrogância de quem se sente dono da unívoca verdade, toma o espaço a vida “abreviada” dos pequeninos. Neste tempo longo, vagaroso, duvidoso, esperançoso e doído que se dá entre a experiência da morte e a espera da Ressurreição, neste tempo “crepuscular”, se visibiliza o “chão” hermenêutico das hermenêuticas bíblicas populares e contextuais. O “chão hermenêutico” de quem se reconhece sedento, quem sabe como Jesus, naquele horário do meio dia ao poço de Sicar (Jo 4,1ss). O ponto de partida hermenêutico que se permite a possibilidade não só de oferecer a própria água como a água que mata toda e qualquer sede, mas de pedir com humildade e necessidade a água do poço da “outra” pessoa, “outra” porque totalmente “outra”, impura, desigual. Hermenêuticas que se permitem, usando uma frase do missionário do diálogo inter-religioso com as religiões afro, padre Ettore Frisotti, parafraseando o importante texto do padre Gutierrez, Hermenêuticas que se permitem, fora de todo pré-conceito e exclusão, o desafio relacional e espiritual de “beber ao poço alheio”.<sup>6</sup>

Um texto bíblico, que na minha vida espiritual ilumina este tempo “crepuscular”, tempo denso de experiência espiritual, é o texto de Gn

<sup>6</sup> FRISOTTI, Heitor. *Beber no poço alheio*. Salvador, 1988, multicopiado, p. 76.



32,25.32, Jacó permaneceu sozinho e um homem ( um anjo de Deus?) lutou com ele até o alvorecer. Estava madrugada quando Jacó passou Penuel e nosso pai na fé mancava... As hermenêuticas bíblicas populares e, porque populares, contextuais, falam de Deus (...) a partir da História, a História cotidiana que se faz nas cozinhas, no suor, nos gritos, nos sonhos e nos suspiros de fé do chão real da vida dos povos. Falar de Deus (...) a partir desta História, significa para os agentes de pastoral, teólogo@s e biblistas populares, não aceitar mais de narrar e anunciar Deus (...) e seu sonho por terem ouvido falar. Mmas, bem diferente, aceitar que o contexto, o chão da vida cotidiana das pessoas empobrecidas se faça carne da própria carne, chão das nossas raízes, onde nossos pés pisam, nossa cabeça pensa e nosso coração ama, sabendo que este “Acontecimento” histórico arma sua pobre tenda em nossa carne e assim iremos “mancar” para sempre, como nosso pai na fé Jacó no chão de Penuel. Os tempos crepusculares convidam, nós biblistas populares, agentes de pastoral e animadores e animadoras de comunidades a vivenciar em nosso corpo que está tudo na alma, a profunda ferida do encontro com Deus (...), ferida que sempre lateja, sempre aberta, sempre sedenta na profunda saudade de uma Ausência.

É o Mistério Pascal que nos faz vivenciar esta experiência profunda da Ausência, como dizem os Padres Sinodais:

*“No Mistério Pascal, realizam-se as palavras da Escritura, isto é, esta morte realizada ‘segundo as Escrituras’ é um acontecimento que contém em si mesmo um logos, uma lógica: a morte de Cristo testemunha que a Palavra de Deus Se fez totalmente ‘carne’, ‘história’ humana”<sup>7</sup>. Também a ressurreição de Jesus acontece “ao terceiro dia, segundo as Escrituras”: “dado que a corrupção, segundo a interpretação judaica, começava depois do terceiro dia, a palavra da Escritura cumpre-se em Jesus, que ressuscita antes de começar a corrupção. Deste modo São Paulo, transmitindo fielmente o ensinamento dos Apóstolos (cf. 1Cor 15, 3), sublinha que a vitória de Cristo sobre a morte se verifica através da força criadora da Palavra de Deus. Esta força divina proporciona esperança e alegria: tal é, em definitivo, o conteúdo libertador da revelação pascal. Na Páscoa, Deus revela-Se a Si mesmo juntamente com*

<sup>7</sup> BENTO XVI, *Discurso à Cúria Romana* (22 de Dezembro de 2008): AAS 101 (2009), 50.



*a força do Amor trinitário que aniquila as forças destruidoras do mal e da morte.*”<sup>8</sup>

### 3 Caminhos de hermenêuticas populares e contextuais

A leitura popular da Bíblia quer exatamente fazer isso para compreender o Mistério na História que é Jesus, o Cristo, a partir dos sujeitos desta História e não só dos contextos. Para este fim, um perigo que precisa ser vencido, e quem sabe as hermenêuticas populares e contextuais possam ajudar humildemente nisso, é o perigo do fundamentalismo. Assim escrevem Carlos Mesters e Francisco Orofino:

*“No encontro de duas semanas, organizado pelo CESEP em Goiânia em janeiro de 1991, havia mais de 600 participantes, vindos das CEBs de quase todos os Estados do Brasil. Muitos jovens! Nos três dias dedicados ao estudo da Bíblia, a linha da interpretação era claramente libertadora. Nas conversas com os participantes, porém, aparecia, várias vezes, uma atitude interpretativa diferente, em que se misturava fundamentalismo com teologia da libertação. Sobretudo nos jovens! Como explicar este fenômeno? Vem de onde? Do contato com a linha conservadora, com a linha carismática, com os crentes? Será que também não vem das deficiências da atitude libertadora frente à Bíblia? Será que não vem de algo mais profundo ainda que está mudando no subconsciente da humanidade? Pois, o perigo do fundamentalismo não existe só nas igrejas cristãs, mas também nas outras religiões: judaica, muçulmana, budista... Existem até formas de um fundamentalismo secularizado.”*<sup>9</sup>

“Fundamentalismo”, esta “doença da alma” nas nossas relações, tem a ver com as Sagradas Escrituras e tem a ver com as relações que viram surdas e violentas. Relações que precisam ser recriadas, na Sociedade e na Igreja. Desta forma nos ajudam a refletir nossas práticas hermenêuticas, teológicas e pastorais, os Padres do Sínodo sobre a Palavra de Deus:

<sup>8</sup> BENTO XVI, *Audiência Geral* (15 de Abril de 2009): *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 18/IV/2009), p. 12.

<sup>9</sup> MESTERS C.; OROFINO, F. Disponível em <<http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaold=15&noticiald=532>>. Acesso em 16/06/2011.



*“Na realidade, o «literalismo» propugnado pela leitura fundamentalista constitui uma traição tanto do sentido literal como do espiritual, abrindo caminho a instrumentalizações de variada natureza, difundindo, por exemplo, interpretações anti-eclesiais das próprias Escrituras. O aspecto problemático da «leitura fundamentalista é que, recusando ter em conta o caráter histórico da revelação bíblica, torna-se incapaz de aceitar plenamente a verdade da própria Encarnação. O fundamentalismo evita a íntima ligação do divino e do humano nas relações com Deus. (...) Por esse motivo, tende a tratar o texto bíblico como se fosse ditado palavra por palavra pelo Espírito e não chega a reconhecer que a Palavra de Deus foi formulada numa linguagem e numa fraseologia condicionadas por uma dada época».<sup>10</sup> Ao contrário, o cristianismo divisa nas palavras a Palavra, o próprio Logos, que estende o seu mistério através de tal multiplicidade e da realidade de uma história humana. A verdadeira resposta a uma leitura fundamentalista é «a leitura crente da Sagrada Escritura, praticada desde a antiguidade na Tradição da Igreja. [Tal leitura] procura a verdade salvífica para a vida do indivíduo fiel e para a Igreja. Essa leitura reconhece o valor histórico da tradição bíblica. Precisamente por esse valor de testemunho histórico é que ela quer descobrir o significado vivo das Sagradas Escrituras, destinadas também à vida do fiel de hoje”<sup>11</sup>, sem ignorar, portanto, a mediação humana do texto inspirado e os seus gêneros literários.”<sup>12</sup>*

O desafio que se apresenta para as hermenêuticas bíblicas populares e contextuais neste processo terno e eterno de superação de todos os fundamentalismos, é o como partilhar poder, ser, ter e saber desde o Norte até o Sul do Mundo, nas Sociedades e nas Igrejas, com as pessoas, mulheres, crianças e empobrecidos deixados às margens da História. *“Quase sempre a teologia teve que se submeter e se mover em um mundo feito de iniciativas culturais e sociais promovidas por sistemas econômicos e políticos; às vezes conseguiu interpretá-los ou, poucas vezes, criticá-los, mas nem sempre conseguiu fazer do seu ‘falar de Deus e com Deus’, uma fidelidade no pensar e participar do futuro de justiça e paz dos povos. A teologia virou moral econômica, doutrina social, mas sempre teve que sobreviver em uma história pensada e feita por outros e com dificuldade conseguiu propor caminhos. As experiências missio-*

<sup>10</sup> Cf. BENTO XVI, *Discurso aos homens de cultura no «Collège des Bernardins» de Paris* (12 de Setembro de 2008: AAS 100 (2008), 726.

<sup>11</sup> *Propositio* 46.

<sup>12</sup> BENTO XVI, *Exortação Apostólica pós Sinodal Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 44.





*nárias garantiram aos povos empobrecidos a entrada e a circulação de um pouco mais de dinheiro, provavelmente de jeito mais limpo, mas sempre na contraditória lógica de quem vai ao poço com o próprio jarro já repleto de água. Planejaram-se projetos, mas não lutas e resistências junto com as pessoas empobrecidas; explicaram-se modelos, porém poucas vezes recolheram-se e cultivaram-se sonhos.”<sup>13</sup>*

A leitura popular e contextual da Bíblia deseja cantar a poesia de Pablo Neruda, permanecendo nas periferias do mundo:

*“Não comprei uma parcela de céu que vendiam os sacerdotes, nem aceitei trevas que o metafísico manufacturava para despreocupados poderosos. Quero estar na morte com os pobres que não tiveram tempo de estudá-la, enquanto os espancavam os que têm o céu dividido e arrumado” (Canto General, “a morte”)*

*“Parece-nos que muitas vezes a teologia tenha comprado o céu, como diz o poeta Pablo Neruda, para vendê-lo aos pobres, e aceitou as escuridões do metafísico para justificar os poderosos. Hoje à teologia pede-se um estilo de vida que permita reconhecer onde nós, agentes de pastoral, teólogos e biblistas estamos quando sonhamos o futuro e como cuidamos amorosamente da vida. O sonho dos poderosos contrasta com o sonho de Deus. O caminho das pessoas empobrecidas parece ser mais do que um ‘subir’, um ‘descer’”<sup>14</sup>*

#### 4 Sobre uma espiritualidade da abreviação e do silêncio

Estou vivendo um tempo especial, de Graça e de dor, tempo único na minha experiência missionária e de biblista popular. Pela primeira vez, depois de quase vinte anos de trabalhos pastorais ligados a uma instituição eclesial, minha alma que está toda no texto do corpo, me proporciona um tempo que escolhi viver na espiritualidade como oportunidade de caminhar no silêncio dos espaços oficiais. Escolhi, então de ter a cada dia um longo tempo para caminhar nas periferias da cidade onde moro para encontrar pessoas, com calma, permanecendo, em silêncio na escuta amorosa e silenciosa destes

<sup>13</sup> POTENTE Antonietta, *Ibidem*, pg. 64.

<sup>14</sup> POTENTE Antonietta, *Ibidem*, pg. 65.



corpos “abreviados” pelos poderosos da História, como nos lembra o Santo Padre o Papa Bento XVI:

*“A tradição patristica e medieval, contemplando esta «Cristologia da Palavra», utilizou uma sugestiva expressão: O Verbo abreviou-Se.<sup>15</sup> «Na sua tradução grega do Antigo Testamento, os Padres da Igreja encontravam uma frase do profeta Isaías – que o próprio São Paulo cita – para mostrar como os caminhos novos de Deus estivessem já preanunciados no Antigo Testamento. Eis a frase: “O Senhor compendiou a sua Palavra, abreviou-a” (Is 10, 23; Rm 9, 28). (...) O próprio Filho é a Palavra, é o Logos: a Palavra eterna fez-Se pequena; tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-Se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós.”<sup>16</sup> Desde então a Palavra já não é apenas audível, não possui somente uma voz; agora a Palavra tem um rosto, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré.<sup>17</sup>*

Por fim, a missão de Jesus cumpre-se no Mistério Pascal: aqui vemo-nos colocados diante da «Palavra da cruz» (cf. 1 Cor 1, 18). O Verbo emudece, torna-se silêncio de morte, porque Se «disse» até calar, nada retendo do que nos devia comunicar. Sugestivamente os Padres da Igreja, ao contemplarem este mistério, colocam nos lábios da Mãe de Deus esta expressão: «Está sem palavra a Palavra do Pai, que fez toda a criatura que fala; sem vida estão os olhos apagados d’Aquele a cuja palavra e aceno se move tudo o que tem vida”. Aqui verdadeiramente comunica-se a nós o amor «maior», aquele que dá a vida pelos próprios amigos (cf. Jo 15, 13).<sup>18</sup>

Percebo que as periferias do mundo podem provocar, como provocam em nós, agentes de pastoral que nos permitimos estas perguntas, as periferias do mundo provocam em nós uma inquietude repleta de **pressa**, para justificar nossa incapacidade de resistência na permanência silenciosa e aparentemente pouco eficaz da luta cotidiana. A luta cotidiana se faz por um pedaço de lenha apanhada de forma escondida nos monocultivos de pinus dos poderosos, no conseguir um punhado de arroz e feijão ou um litro de leite porque

<sup>15</sup> «Ho Logos pachynetai (ou brachynetai)». Cf. ORÍGENES, *Peri Archon*, I, 2, 8: SC 252, 127-129.

<sup>16</sup> BENTO XVI, *Homilia na solenidade do Natal do Senhor* (24 de Dezembro de 2006): AAS 99 (2007), 12.

<sup>17</sup> Cf. *Mensagem final*, II, 4-6.

<sup>18</sup> BENTO XVI, *Exortação Apostólica pós Sinodal Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 12.



os programas sociais alimentares reconhecem até então só três filhos cadastrados e não importa se a Vida agraciou-te com sete crianças abaixo de onze anos. Muitas vezes, minha pressa de “agenda pastoral” atropelou a Vida enquanto os empobrecidos permaneciam **pregados** nestas periferias do mundo, fora dos recintos sagrados de todos os programas de inclusão da Sociedade e da Igreja.

Percebo, nestes tempos de meu silêncio nos espaços da oficialidade eclesial e de vagarosa escuta dos corpos de um punhado de empobrecidos, que a vida dos pobres muitas vezes não é ocupada pelos compromissos que enchem as agendas da grande maioria de nós, agentes de pastoral e pessoas que pensam e escrevem teologia.

*“A vida dos pobres é crucificada ao longo das estradas da história, nas periferias do mundo. Os problemas são os do cotidiano; os mesmos problemas que cansavam o mestre Jesus e seus entusiastas discípulos (Mc 6,35-36). O nosso pensar torna-se inquieto na tentativa de compreender este longo ‘PERMANECER’ dos pobres; desta fidelidade que poucos reconhecem como tal e que muitas vezes preferimos descrever como incapacidade de reação ou de passividade.”<sup>19</sup>*

*“Como mostra a cruz de Cristo, Deus fala também por meio do seu silêncio. O silêncio de Deus, a experiência da distância do Onipotente e Pai é etapa decisiva no caminho terreno do Filho de Deus, Palavra encarnada. Suspenso no madeiro da cruz, o sofrimento que Lhe causou tal silêncio e o fez lamentar: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?» (Mc 15, 34; Mt 27, 46). Avançando na obediência até ao último respiro, na obscuridade da morte, Jesus invocou o Pai. A Ele Se entregou no momento da passagem, através da morte, para a vida eterna: «Pai, nas tuas mãos, entrego o meu espírito» (Lc 23, 46).”<sup>20</sup>*

Percebo que as leituras populares e contextuais da Bíblia nos ajudam a viver o Mistério de Deus (...) na História; a sua Encarnação, para PERMANECER aos confins do mundo, nas esquinas escondidas desta humanidade imóvel, que não pode se mover ou é obrigada a migrar em um movimento violento de expulsão, esta humanidade que não conhece outro bairro a não ser o no qual sobrevive ou trabalha, outra luta a não ser a do arroz e feijão do dia-a-dia.

<sup>19</sup> POTENTE Antonietta, *Ibidem*, pg. 76.

<sup>20</sup> BENTO XVI, *Exortação Apostólica pós Sinodal Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 21.



A fé no seguimento de Jesus e na construção do Reino nos impulsiona para sairmos dos espaços “sagrados”, dentro dos muros seguros e puros das cidades e irmos para os lugares frágeis onde os habitantes não podem se mover, onde os dias são todos iguais, onde celebrar a festa significa fazer memória de Deus (...) que, em Jesus Cristo, é amigo terno de mulheres impuras, publicanos e pecadores.

*Perseverem no amor fraterno. Não se esqueçam da hospitalidade, pois algumas pessoas, graças a ela, sem saber acolheram anjos. Lembrem-se dos presos, como se vocês estivessem na prisão com eles.*

*Lembrem-se dos que são torturados, pois vocês também têm um corpo. Que todos respeitem o matrimônio e não desonrem o leito nupcial, pois Deus julgará os libertinos e adúlteros. Que a conduta de vocês não seja inspirada pelo amor ao dinheiro. Cada um fique satisfeito com o que tem, pois Deus disse: «Eu nunca deixarei você, nunca o abandonarei.» Assim, podemos dizer com ânimo: «O Senhor está comigo, eu não temo. O que é que me poderá fazer um homem?»*

*Lembrem-se dos dirigentes, que ensinaram a vocês a Palavra de Deus. Imitem a fé que eles tinham, tendo presente como eles morreram. **Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje, e será sempre o mesmo.** Não se deixem levar por nenhum tipo de doutrina estranha. O bom mesmo é fortalecer o coração pela graça, e não com regras alimentares, que de nada serviam para quem as observava. **Nós temos um altar, do qual não têm direito de comer aqueles que ainda servem na Tenda. De fato, depois que o sumo sacerdote oferece o sangue no santuário pelos pecados o povo, os animais oferecidos em sacrifício são queimados fora do recinto sagrado. Por esse motivo, também Jesus sofreu sua paixão fora de Jerusalém, quando purificou o povo com o seu próprio sangue. Portanto saíamos também do recinto sagrado para ir ao encontro de Jesus, carregando a humilhação dele. Pois não temos aqui a nossa pátria definitiva, mas buscamos a pátria futura.** (Hb 12,1-13)*

A carta aos Hebreus nos convida a sair dos espaços sagrados e a percorrer os “caminhos da Galileia” fora dos muros da cidade, no contexto dos corpos de todas as pessoas diminuídas e excluídas. Não se trata só de sair do recinto sagrado, mas de PERMANECER fora dos muros, fora dos espaços oficiais, junto aos corpos dos crucificados da História.



## 5 Hermenêuticas feministas como espiritualidade de abreviação

Gostaria de dedicar algumas linhas a respeito da experiência espiritual, nos tempos crepusculares de mortes na vida de crianças, mulheres e empobrecid@s, neste tempo crepuscular de minha vida, iluminando nossas pobres vidas pela Vida e Pessoa no Tempo crepuscular da Morte de Jesus. Os evangelhos nos apresentam sempre um grupo de mulheres aos pés da cruz de Jesus (Lc 26, 50-56; Mc 15,42-16,8; Mt 27,55-61). Maria de Magdala é sempre citada entre o grupo das mulheres. Alguns homens estão presentes nos relatos dos evangelhos aos pés da cruz de Jesus. José de Arimateia e Nicodemos, cujos nomes são citados nos textos. A tradição de nossa Igreja coloca também João como a pessoa por trás do “discípulo amado” no quarto evangelho.

Neste momento gostaria de meditar e contemplar a presença das mulheres aos pés da cruz de Jesus, como paradigma espiritual da PERMANÊNCIA. Essas mulheres estão aos pés da cruz e a permanência delas é uma *permanência abreviada*. Conhecemos os riscos que corriam, depois do edito de Tibério, as pessoas que se encontrassem muito perto dos crucificados. O corpo das mulheres se faz pequeno para poder permanecer perto do corpo crucificado de Jesus. Elas abreviam-se, tomam uma doída, porém suficiente distância: diminuem o corpo e a PRESENÇA, para poder assegurar uma PERMANÊNCIA aos pés da Cruz.

A respeito das hermenêuticas populares e contextuais feministas, assim escrevem Carlos Mesters e Francisco Orofino:

*“A leitura feminista questiona e relativiza a leitura masculinizada de séculos. Ela não pode ser descartada como um fenômeno passageiro nem como uma das muitas curiosidades exegéticas sem maiores consequências. Ela é uma das características mais importantes que vêm surgindo de dentro da leitura popular da Bíblia. O seu alcance é muito maior do que poderia parecer à primeira vista. No Brasil ela adquire uma importância maior ainda, por causa da esmagadora maioria de mulheres que participam ativamente nos grupos bíblicos e sustentam a luta do povo em muitos lugares.”*<sup>21</sup>

<sup>21</sup> MESTERS, C.; OROFINO, F. Disponível em <<http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaold=15&noticiald=532>>. Acesso em 16/06/2011.



Percebemos simples passos que os corpos destas mulheres percorrem, na imóvel permanência do tempo crepuscular da Cruz de Jesus. Elas, mergulhando no mistério do silêncio do Pai, no Corpo torturado do Filho, PERMANECEM em silêncio. É um silêncio silenciado que escolheu silenciar. É um silêncio violentado que escolhe quebrar a ordem simbólica da violência. É um silêncio abreviado pelos opressores do poder religioso e imperial que escolhe abreviar-se na “*Imitatio Christi*”, completando em sua carne o sofrimento de Jesus, o Cristo. Comunidade Crística, esta das mulheres.

Em silêncio, na experiência crística da Palavra, do Logos “abreviado”, as mulheres aos pés da Cruz de Jesus observam de longe. Elas descem com a abreviação dos gestos, das palavras, do poder, através dos gestos de José de Arimateia, o Corpo matado e crucificado de Jesus da Cruz. Estas mulheres violentadas que escolheram, completando na própria carne a Carne de Cristo, a abreviação do corpo e suas falas, observam e meditam COMO o Corpo de Jesus é envolto em panos de linho e colocado em uma gruta escavada. A comunidade de Lucas, que nos consigna este relato da Deposição de Jesus da Cruz, esta “Pietà” comunitária de mulheres e um homem que não compactuava com o sacerdócio sadoquita, o sacerdócio que tinha esquecido o ministério comum na profecia entre os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros na fragilidade das tendas do Êxodo, a comunidade lucana quer voltar a falar de Gruta escavada, como no dia do nascimento. Essas mulheres e esse homem depositam, com amor e cuidado, o Corpo martirizado de Jesus. Corpo envolto em faixas de linho, abreviado, pequeno, frágil, de novo e sempre como na manjedoura de Belém, no Tempo em que o Corpo-Verbo se fez carne e armou sua frágil Tenda em nosso meio e, por esta Encarnação, por este acontecimento histórico, nós vimos a sua Glória, Glória do Filho Unigênito de Deus!

*“A Sagrada Escritura manifesta a predileção de Deus pelos pobres e necessitados (cf. Mt 25, 31-46). Com frequência, os Padres sinodais lembraram a necessidade de que o anúncio evangélico e o empenho dos pastores e das comunidades se dirijam a estes nossos irmãos. Com efeito,*



*«os primeiros que têm direito ao anúncio do Evangelho são precisamente os pobres, necessitados não só de pão mas também de palavras de vida». A diaconia da caridade, que nunca deve faltar nas nossas Igrejas, tem de estar sempre ligada ao anúncio da Palavra e à celebração dos santos mistérios.<sup>22</sup> Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer e valorizar o fato de que os próprios pobres são também agentes de evangelização. Na Bíblia, o verdadeiro pobre é aquele que se confia totalmente a Deus e, no Evangelho, o próprio Jesus chama-os bem-aventurados, «porque deles é o reino dos céus» (Mt 5, 3; cf. Lc 6, 20). O Senhor exalta a simplicidade de coração de quem reconhece em Deus a verdadeira riqueza, coloca n'Ele a sua esperança e não nos bens deste mundo. A Igreja não pode desiludir os pobres: «Os pastores são chamados a ouvi-los, a aprender deles, a guiá-los na sua fé e a motivá-los para serem construtores da própria história».<sup>23 24</sup>*

*A Igreja está ciente também de que existe uma pobreza que é virtude a cultivar e a abraçar livremente, como fizeram muitos Santos, e há a miséria, muitas vezes resultante de injustiças e provocada pelo egoísmo, que produz indigência e fome e alimenta os conflitos. Quando a Igreja anuncia a Palavra de Deus, sabe que é preciso favorecer um «círculo virtuoso» entre a pobreza «que se deve escolher» e a pobreza «que se deve combater», redescobrimo «a sobriedade e a solidariedade como valores simultaneamente evangélicos e universais. (...) Isto obriga a opções de justiça e de sobriedade».<sup>25 26</sup>*

Na PERMANÊNCIA diminuída e silenciosa aos pés da Cruz, as mulheres olharam a gruta escavada na rocha onde José colocou o Corpo martirizado de Jesus. Uma gruta acolhedora, este era o antigo sentido aramaico do nome “Cefa”, Pedro, o primeiro pastor animador da Igreja. Uma gruta acolhedora para cuidar e proteger todos os corpos dos crucificados e das crucificadas da História. Uma gruta acolhedora para descer da cruz todas as pessoas crucificadas, para que não fosse vã a Cruz de Cristo!

<sup>22</sup> Cf. Bento XVI, Carta enc. *Deus caritas est* (25 de Dezembro de 2005), 25: AAS 98 (2006), 236-237.

<sup>23</sup> *Propositio* 11.

<sup>24</sup> BENTO XVI, *Exortação Apostólica pós Sinodal Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 107.

<sup>25</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Carta enc. *Fides et ratio* (14 de Setembro de 1998), 80: AAS 91 (1999), 67-68.

<sup>26</sup> *Propositio* 54.





No corpo, tecido de alma das mulheres, a PERMANÊNCIA se fez, naquele e neste tempo crepuscular, ERRÂNCIA. Elas colocaram-se a caminho, quando a noite não era mais noite, mas ainda não era dia. Colocaram-se a caminho para poder voltar a “fazer casa” agora em uma nova experiência eclesial, a experiência da “Ausência”, que nunca significa inexistência. Na experiência da “Ausência” de uma Presença totalmente outra e totalmente dentro, em uma fundante e fundamental saudade, as mulheres reinventaram a “casa”. Lá, nesse espaço totalmente novo do “fazer casa” e nesse Tempo inusitado da “Ausência”, as mulheres reinventaram receitas de perfumes e bálsamos, reinventaram memórias que acordaram o desejo e a esperança. Este agir silencioso e diminuído das mulheres se declina nos simples passos metodológicos de hermenêuticas populares e contextuais: desde o partir das experiências dos corpos, passando por se permitir nomear com as próprias palavras perguntas e conflitos, de-construindo assim os textos, literários e sociais e suas relações, para se permitir, em uma profunda experiência pascal, a poética dos textos e das relações, reinventando, re-nomeando... Reinventaram o alvorecer na noite escura da alma... abriram o corpo que está todo na alma para a experiência do entusiasmo, etimologicamente “do mergulhar no sangue de Deus (...)” que nós nomeamos com o único respiro que conta... Ressurreição! Um outro – este mundo – é possível!

*“O compromisso no mundo requerido pela Palavra divina impele-nos a ver com olhos novos todo o universo criado por Deus e que traz já em si os vestígios do Verbo, por Quem tudo foi feito (cf. Jo 1, 2). Com efeito, há uma responsabilidade que nos compete como fiéis e anunciadores do Evangelho, também a respeito da criação. A revelação, ao mesmo tempo que nos dá a conhecer o desígnio de Deus sobre o universo, leva-nos também a denunciar os comportamentos errados do homem, quando não reconhece todas as coisas como reflexo do Criador, mas mera matéria que se pode manipular sem escrúpulos. Deste modo, falta ao homem aquela humildade essencial que lhe permite reconhecer a criação como dom de Deus, que se deve acolher e usar segundo o seu desígnio. Ao contrário, a arrogância do homem que vive como se Deus não existisse, leva a explorar e deturpar a natureza, não a reconhecendo como uma obra da Palavra criadora. Neste quadro teológico, desejo lembrar as afirmações dos Padres sinodais ao recordarem que o fato de «acolher a Palavra de Deus atestada na Sagrada Escritura e na Tradição viva da Igreja gera um novo modo de ver as coisas, promovendo um ecologia autêntica, que tem a sua raiz mais profunda na obediência da fé, (...) desenvolvendo uma renovada sensibilidade teológica sobre a bondade de*





*todas as coisas, criadas em Cristo».<sup>27</sup> O homem precisa de ser novamente educado para se maravilhar, reconhecendo a verdadeira beleza que se manifesta nas coisas criadas”.<sup>28</sup>*

*“Nossa fé não é distraída por esta cotidianidade, simplesmente retida e testada no fogo. Estes lugares da periferia da História nos provocam para repensar os dogmas da religiosidade do nosso viver cotidiano. Não se trata de encontrar novos conteúdos, sim de repensar o mistério a partir de nosso permanecer ao longo dos caminhos periféricos da História. Purificadas de toda a tentação do heroísmo e do extraordinário, permaneceremos fascinadas pela mesma luz que também os pequenos e simples podem ver; a mesma que resplandece nos olhos de jabuticaba madura de quem nunca saiu do bairro onde mora, dos mercados onde faz biscates ou dos becos das periferias. O que o povo empobrecido pode ver, ISTO é o objeto da nossa **visão profética**; assim como era para os justos do Antigo Israel, seja esse um ramo de amendoeira, ou uma panela no fogo (Ger 1,11-13), a não ouvida luta dos pobres ou o solene Templo que emana água do lado e que lembra a ferida que transpassa a vida dos fracos ( Ez 47,1-2)”.<sup>29</sup>*

## 6 Conclusão: errar na permanência e permanecer na errância

Na caminhada da partilha da Vida e da Bíblia através da leitura popular e contextual destes dois textos vivos, o da Vida e o da Bíblia, temos que ter consciência do nosso ERRANTE (sem medo de errar!) PERMANECER às margens, sem reivindicar as honras ou os privilégios de quem está nos lugares oficiais da pós-modernidade da Sociedade e, às vezes, quem sabe muitas vezes, da pré-modernidade da Igreja. São hermenêuticas bíblicas que surgem fora dos “espaços sagrados”, das mãos, do coração e dos pés dos que não têm nome, cultivadas por aqueles e aquelas que são conhecidos e reconhecidos por Deus (...). Viver fora dos “espaços sagrados” é a condição não só de quem percorre o caminho de hermenêuticas populares e contextuais, é a condição de quem vive profundamente a fome e a sede de justiça e de paz, de quem procura caminhos de partilha de poderes, na escuta amorosa das dores

<sup>27</sup> Cf. BENTO XVI, Exort. ap. pós-sinodal *Sacramentum caritatis* (22 de Fevereiro de 2007), 92: AAS 99 (2007), 176-177.

<sup>28</sup> BENTO XVI, *Exortação Apostólica pós Sinodal Verbum Domini* (30 de setembro de 2010), 108.

<sup>29</sup> POTENTE Antonietta, *Ibidem*, pg. 79.



de parto da terra e dos pobres da terra. No exercício de hermenêuticas populares e contextuais que nos enchem de uma profunda Ausência que é a essencial saudade de uma Presença, abrasam-se os nossos corações nos caminhos entre a Jerusalém de nossa História machucada, de nossas “noites escuras” e a Emaús da experiência de Partilha e Ressurreição em Jesus, o Cristo (Lc 24,13-25).

Vem, Senhor Jesus, não tardes mais! Vem saciar nossa sede de Paz!

*Endereço da Autora:*

Av. Dom Pedro II, 74

Bairro Coral

88509-000 Lages, SC

E-mail: [mariasoaueb@yahoo.com.br](mailto:mariasoaueb@yahoo.com.br)